

A canção de Abel



O sol mal havia nascido e aquele canto ecoava por todo o campo. “Como alguém pode cantar todo alegriinho às 5:00 da manhã rodeado de balido irritante de ovelha?” – pensava Caim sobre seu irmão caçula, enquanto arrancava com raiva umas daninhas que insistiam em arruinar seu trabalho: “Também... muito fácil ficar passeando com ovelhinha, queria ver a pessoa vir aqui criar calo na mão com a enxada!”

E assim, dia a dia, Caim ia nutrindo uma inveja oculta contra seu irmão Abel, até que teve uma ideia brilhante. Foi ao campo e colheu o que havia de melhor! A carroça quase tombou de tantas frutas e legumes maravilhosos. As alfaces eram vistosas, as maçãs pareciam brilhar! Ah, e o cheiro? Dava pra sentir de longe aquela mistura deliciosa de aromas.

Oras, Abel achou a ideia genial. Correu, matou o seu melhor e mais novo carneirinho e foi também oferecer a Deus. Curiosamente, o texto bíblico não

diz apenas que Deus aceitou a oferta de Abel e rejeitou a de Caim, o texto diz categoricamente que Deus “aceitou com agrado Abel e sua oferta, mas não aceitou Caim e sua oferta.”. Não se tratava da oferta em si, mas do coração do ofertante.

A aplicação desse texto não poderia ser mais clara: Deus rejeita a adoração daquele que nutre inveja e ódio contra seus irmãos! E não adianta fazer caras e bocas no louvor, o texto diz que foi o rosto de Caim que o denunciou - ele estava transtornado! Você pode tentar disfarçar essa malignidade com a melhor oferta do mundo, pode justificar do jeito que quiser, chamando o outro de tóxico e alegando cuidados com sua saúde emocional - o Eterno não aceita oferta de quem, em segredo, deseja a morte do irmão ou mesmo de seus sonhos.

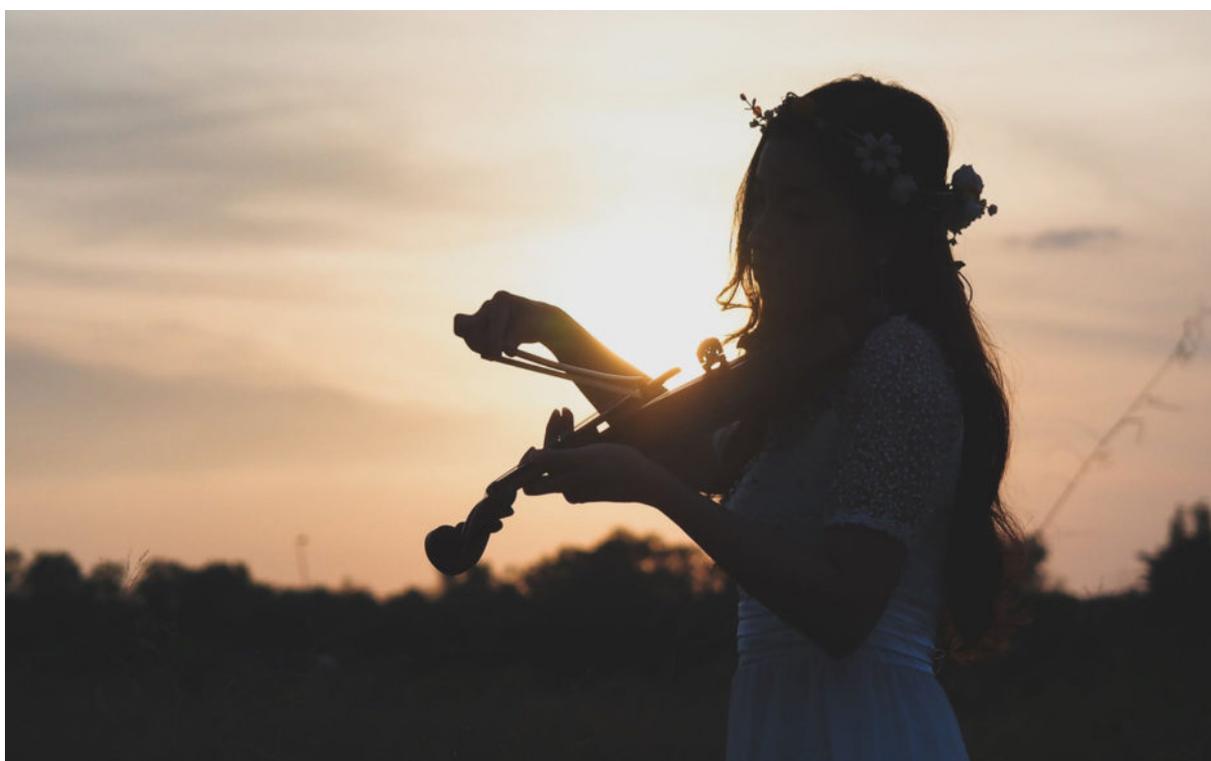
A oferta de Abel partiu de um coração íntegro, sua essência era pura, não havia maldade em seu coração. A Bíblia diz que o seu sacrifício foi tão superior que até hoje Abel ainda fala - a adoração de Abel ecoou pelo tempo e, pela fé, ainda podemos ouvir a sua canção da manhã.

Que a nossa adoração seja fruto de um coração puro, repleto de compaixão, perdão e amor, não apenas para que o Senhor receba como cheiro suave, mas também para que ela ecoe pelo tempo e as gerações futuras possam ouvi-la.

No amor do Pai,

Roger

A arritmia do Eterno



Sabe quando a pressão da vida te descompassa? Pois é... Semana passada aconteceu comigo. Quando você pensa que a vida retomou o ritmo, o Maestro dá uma fermata que você não percebeu. Quando você acorda, lá está Ele, segurando inerte a batuta da vida, enquanto você sua frio, sem saber quando volta a simples melodia do viver.

Foi em uma dessas longas pausas que surtei. Não é fácil entender que pausa também é música, mas graças a Deus tenho pais que conhecem a melodia da vida de cor e salteado. Assim, se prontificaram a jejuar e orar por mim. On-

tem, depois de uma semana desse propósito, eles vieram aqui em casa entregá-lo.

E enquanto eu fazia um café, eles ensaiavam para aquele lindo concerto na sala da minha casa. Aquele simples dueto, tão cativante, tão presente em minha história, misturado ao cheiro gostoso de café fresquinho foi me trazendo paz, conforto e esperança. Mas algo me desconcentrou e me fez sorrir: mamãe tem arritmia musical. Explico!

Mamãe canta bem. Canta com a alma. Mas mamãe não consegue retomar sozinha as “cabeças” do compasso. Sabe quando o maestro conta “um e dois e três e quatro”? Mamãe entra sempre no “e”. Porém, papai toca bem. Muito bem! E como o estilo dele é chorinho, ele acompanha e sola ao mesmo tempo. Assim, ao solar a melodia, ele ajuda-a a cantar corretamente.

Mas, espere, eis a maior prova de amor que eu já testemunhei em toda a minha vida vendo essa cena: papai erra com a mamãe! Sim, ele não a ajuda a entrar no tempo certo, ele erra também a entrada da nota! Assim, ela pensa que está cantando no ritmo certinho, enquanto, na verdade, é ele quem está tocando “errado”.

Isso me fez entender algo muito sublime: quando achei que estava colhendo bons frutos por ter semeado bem, entendi que enquanto eu dormia, era o Eterno que havia arrancado todas as ervas daninhas pra mim. Plantas invasoras que eu mesmo permiti, talvez sem perceber, que estivessem ali.

Moral da história: no concerto da vida, não sou eu que acerto, é o Eterno que conserta pra mim.

O papaizinho da hipergraça



Em tempos de hipergraça, chamar Jesus de papaizinho tornou-se algo corriqueiro em algumas canções ou ministrações da galera do Movimento Worship. Evidente que, diante do esfriar do amor e do distanciamento cada vez maior da humanidade em relação ao seu Criador, é muito melhor ter um cristão que precisa ser ensinado quanto à teologia bíblica, do que ter alguém completamente alheio à graça. Contudo, é nosso papel alertar a comunidade cristã quanto à essa elasticidade forçada da graça.

Nós sabemos que a palavra *abbá* (אב) - a sílaba tônica é a segunda no original - é usada até hoje em Israel, principalmente pelas crianças. Ela seria um balbuciar infantil tal qual o nosso “papá”. Oras, ao fazer uso de uma palavra que denota tanta intimidade com o Pai (numa relação com a divindade totalmente

anacrônica para Sua época), Jesus abre caminho para que tenhamos esse mesmo acesso íntimo ao nosso Deus. Porém, chamar seu genitor de papai, denota no mínimo uma relação profunda, não apenas de amor e carinho, mas consequentemente de respeito e submissão.

O grande problema dessa geração modinha, é que chama-se Jesus de papaizinho num drama meloso que beira a sensualidade, com vozes infantilizadas e frases que mais parecem juras de amor entre adolescentes com seus hormônios explodindo. Oras, você pode até achar que é a minha mente que está maldando a poesia, mas eu te explico porque não vejo coerência nessa melação.

Quando Jesus realiza o milagre da grande pesca, Pedro reconhece que está diante do próprio Deus e exclama: “Senhor, afaste-se de mim!”. A reação de Pedro nos dá talvez uma noção do que pode ter passado por sua mente. Parece-me que ele se dá conta de que aquele homem, que há pouco estava dentro do seu barco, tão próximo, tão simples, tão humano, era Deus disfarçado de gente.

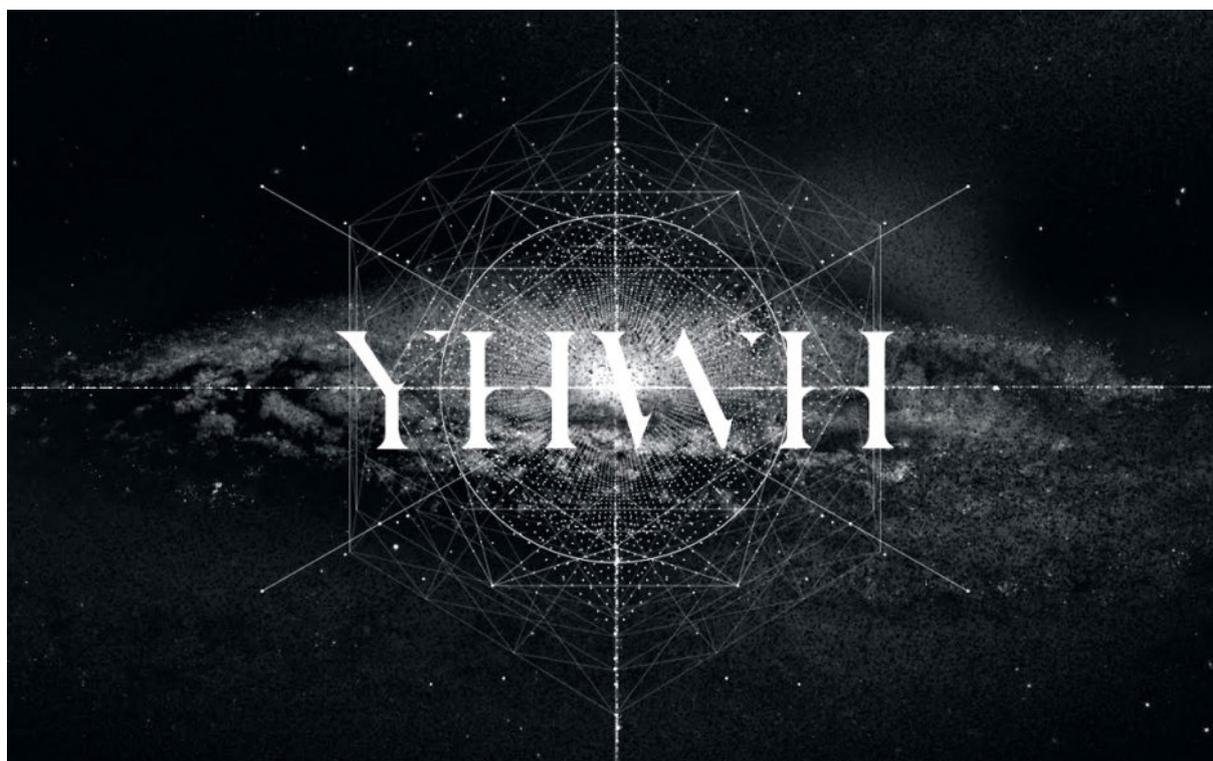
Veja, o problema não é chamar Deus de Tu, de Você, de Eterno ou de Papai, o problema é não temê-Lo. Nós sabemos que esse temor não é o medo aterrorizante diante do perigo, mas ele é sim o medo diante de uma glória e santidade que podem simplesmente nos consumir com Sua presença. Não fosse o Seu amor, nós seríamos, sim, consumidos. Perder essa noção é ignorar inocentemente o fato de que Ele é Deus e nós somos meros bonecos de barro que emprestamos seu fôlego de vida por um tempo.

Chame-o de Abbá, mas reverencie-O em toda Sua glória, não com caras e bocas, mas temendo-O de todo coração, e em santidade, mesmo depois que as luzes se apagam e a fumaça se esvai.

No amor do Pai,

Roger

Posso chamar Jesus de Você?



Deus tem me dado o privilégio de ter em meus seminários e palestras, pessoas de todas as idades. No último seminário que fiz, inclusive, fiquei honrado demais por ter conosco uma querida irmã de quase 70 anos - meu pastor fez questão de me mandar mensagem no momento em que viu a foto da formatura, dizendo que isso não tinha preço! E, de fato, que honra!



Então, foi nessa mesma palestra que surgiu a tal pergunta. Eu falava sobre os conflitos entre as gerações X e Y, e suas implicações na musicalidade cristã, quando uma moça de 20 anos perguntou se podia chamar Jesus de “você”, e olhou pra mãe... Quase que imediatamente houve um alvoroço no seminário (rs). Mãe e filha começaram a rir, mas também a justificar seus posicionamentos sobre respeito, costumes e reverência. A mãe, evidentemente, falava sobre o respeito que tinha com seus pais e que tinha que chamá-los de “senhor” e “senhora”. A filha, porém, justificava dizendo que nunca chamou a mãe de “senhora” simplesmente por não ser um costume de sua geração, mas que mesmo assim a respeitava profundamente.

A verdade é que, só essa semana eu recebi mais de 10 mensagens perguntando o que eu achava dessa questão. Bom, você já deve saber que existem 2 times aí, o [#TimeVoce](#) e o [#TimeTu](#). Mas para que possamos ser edificados e conviver pacificamente em nossas comunidades de fé, lhe aconselho a não

colocar a camisa do seu time antes de chegar ao final deste artigo. Tente ser o mais neutro possível, ok?

Uma boa comunicação

Antes de tudo, preciso salientar o quanto a boa comunicação é imprescindível na proclamação do evangelho. Se você me segue há algum tempo, deve saber o quanto eu sou cuidadoso com o português. Porém, muitas vezes, propositadamente, eu “como” alguns plurais simplesmente para me aproximar mais do meu público alvo (paulistas em sua maioria, cuja não pluralização é comum por aqui rs). O que quero dizer é que é imprescindível alinhar o discurso para que o anúncio do evangelho não seja prejudicado. Quando falo a adolescentes, não economizo no “mano” ou nas “treta” com o irmão, mas eu jamais falaria assim no congresso das irmãs belemitas. Por que? Respeito! O mesmo motivo pelo qual uso gravata em algumas ministrações. Odeio, mas respeito.

A questão de chamar Jesus de “você” tem tudo a ver com o que a menina falou em meu seminário – ela simplesmente cresceu sem jamais ouvir seus amigos chamando os pais de “senhor” e “senhora”. Mas e a Bíblia? Ela diz algo sobre isso?

A língua portuguesa

Bom, antes de falar da Bíblia, é preciso falar da língua portuguesa. Sabe-se que em Portugal, chamar o outro de “tu” é a forma mais comum e informal há muito tempo. Lembre-se que quem traduziu a nossa primeira versão da Bíblia foi João Ferreira de Almeida, um português! Portanto, o “tu” não é exatamente uma questão de respeito ou formalidade nos textos sagrados brasileiros, mas uma questão linguística. Era simplesmente o jeito que se falava comumente (e se fala até hoje) em Portugal ao se referir ao outro.

Bom, e o tal do “você”? Faça uma rápida pesquisa no Google e você verá que “você” veio de “vossa mercê” - que era o elevado tratamento dado na terceira pessoa aos reis de Portugal, portanto, era tratamento altamente respeitoso. Já o “tu” era usado entre o povão mesmo e na intimidade, de pai para filho, com os criados etc. Ou seja, os dois tratamentos têm em sua origem exatamente o sentido contrário ao que entendemos hoje como um tratamento respeitoso.

Grego e Hebraico

E a Bíblia? Bom, do pouquíssimo que estudei sobre grego e hebraico (línguas originais da Bíblia), não há distinção entre esses pronomes, mas esse é um estudo que requer mais profundidade, e não tenho competência para tal. Porém, há estudiosos que dizem, por exemplo, que o “su” (pronome pessoal da segunda pessoa do singular, em grego) é usado tanto por Pedro quanto por Jesus ao se referirem um ao outro em João 21. Assim, a distinção que a NVI, por exemplo, faz entre “tu” e “você”, simplesmente não existe no original.



Jesus e Pedro utilizam o mesmo pronome pessoal no grego para se referirem um ao outro (Jo. 12.15,18)

A geração Z

Bom, além de tudo que colocamos até aqui, temos ainda a questão da Geração Z, que por ser altamente globalizada é vidrada em versões. E sabemos que o americano usa “you” indistintamente já há muito tempo. O que melodicamente foi ótimo para a minha geração, a gente sempre traduziu “You are” como “Tu és” - métrica e significados perfeitos!

Evidentemente, esse é apenas um artigo num oceano de argumentações que ainda incluem o fato de o próprio Deus ter “dificuldade” em nos informar Seu nome. “Dificuldade” esta pela óbvia distância da qual nós, meros mortais, estamos da dimensão do Eterno, que tenta simplificar dizendo: “Me chame de EU SOU!” - e cá pra nós, você acha mesmo que essa pequena frase consegue resumir a imensidão do nosso Deus? Pra mim, palavras não podem expressá-Lo!

Posso chamar Jesus de “você”? O que a Bíblia diz?

Enfim, posso chamar Jesus de “você” ou tenho que chamá-Lo de “Tu”? Bem, vamos à Bíblia?

Particularmente, eu duvido que isso faça qualquer diferença para o Senhor, afinal, reverenciá-Lo com palavras e ofendê-Lo com atitudes é algo incompatível, não é? Naquele dia, muitos o chamarão de Senhor e Ele sequer sabe quem são esses. Mas há um ponto crucial na questão.

A Bíblia diz: *“Já que vocês morreram com Cristo para os princípios elementares deste mundo, por que é que vocês, então, como se ainda pertencessem a ele, se submetem a regras: ‘Não manuseie!’ ‘Não prove!’ ‘Não toque!’? Todas essas coisas estão destinadas a perecer pelo uso, pois se baseiam em mandamentos e ensinamentos humanos.”* (Cl. 2.20-22).

Nós já estamos cansados de saber que usos e costumes simplesmente passam! E mais, eles atrapalham por demais a nossa fé! Por que? Oras, o próprio apóstolo explica na continuação do texto: *“Essas regras têm, de fato, aparência de sabedoria, com sua pretensa religiosidade, falsa humildade e severidade com o corpo, mas não têm valor algum para refrear os impulsos da carne.”* (Cl. 2:23).

Por isso, eu pergunto, você acha que chamar Jesus de “Tu” faz de você alguém mais reverente do que o adolescente que canta *“Só quero... só quero ver Você?”* E mais, você acha que há alguma diferença entre o anseio deles e o seu em *“A face adorada de Jesus verei. Com a grei amada, no céu estarei!”*?

(“Pai, o que é grei?”)

Mas calma, #TimeVoce! Você acha mesmo que é chatice dos seus pais odiarem ouvir canções que chamam o nosso querido Jesus de “você”? Você tem que entender que a vida inteira eles se referiram ao Senhor como “Tu” e isso está tão enraizado em suas mentes quanto a história de uma certa apresentadora que chamava o Eterno de “O cara lá de cima” porque não podia pronunciar o nome Dele, já que tinha contrato selado com o lado negro da força. Mas me parece que esse contrato foi rescindido há alguns anos (rs).

Além disso, não se trata apenas de respeito. Trata-se de mandamento bíblico. Sim, galera, mandamento: *“...tenham cuidado para que o exercício da liber-*

dade de vocês não se torne uma pedra de tropeço para os fracos. (...) Assim, esse irmão fraco, por quem Cristo morreu, é destruído por causa do conhecimento que você tem. Quando você peca contra seus irmãos dessa maneira, ferindo a consciência fraca deles, peca contra Cristo.” (I Co. 8:9-12).

Você pode torcer o nariz o quanto quiser, isso é Bíblia! Gostando ou não, o mais prudente é você reservar os louvores “a Você” para a reunião dos jovens, da galera. O que te custa!? Porque se te custa tanto assim fazer isso e você TEM que tocar Souguellis, Alcântara ou Casa no domingo à noite, você não é adorador, você é fã! E mais, me parece que você não quer trazer as pessoas para perto, você quer segregá-las, e isso é rebeldia. Quer chamar Jesus de “Você”? Beleza, mas lembre-se de uma coisa: “...vocês foram chamados para a liberdade. Mas não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne; pelo contrário, SIRVAM uns aos outros mediante o amor.” (Gl. 5:13)

O verdadeiro ministro de louvor não canta o que gosta, canta o que edifica! O adorador autêntico não impõe, ele SERVE!

Sim, eu sei que a questão é complexa e que não se resolverá num simples artigo como esse, mas que o amor de Cristo nos constranja a ter sabedoria para lidar com o tema, com respeito, carinho uns pelos outros e muito temor ao Senhor.

Espero ter contribuído em sua jornada.

No amor do Pai,

Roger

Ele não vem... Ele nunca vem!



É muito bacana ver as bandas evangélicas cada vez mais preparadas tecnicamente. Dá gosto ouvir uma apresentação com músicos que compreendem o todo da canção e não invadem o espaço musical de outro instrumento. Músicos que fazem apenas o que a música pede, sabe? Dá uma paz... (rs).

Porém, é triste ver ministérios de louvor tão preparados tecnicamente e tão teologicamente perdidos. Claro que estamos todos em constante aprendizado, mas a partir do momento que esse ministério tem a responsabilidade de abrir

cultos e de pregar a Palavra de forma cantada, essa balança precisar ser equilibrada.

E um dos pontos que tem me trazido preocupação nos últimos anos é o crescimento constante de expressões como “Vem, Senhor!”, “Invade esse lugar!”, “Apareça!”. Sei que parece apenas implicância linguística, mas esse não é o foco da minha preocupação. Até porque, a maioria dos crentes sabe que o Espírito Santo não vem mais visitar, Ele faz morada!

Meu foco é: estamos clamando cada vez mais por uma visitação restrita aos nossos ajuntamentos. Incluímos em nossas canções momentos apoteóticos para a chegada do Espírito Santo no culto. São progressões ao som de tambores com distorções leves de guitarra que sempre culminam com um arrebatamento de sentidos.

Não haveria problema algum com esse estilo de adoração, se todos tivéssemos um preparo teológico basilar. O problema é que na falta dele, estamos nos acostumando com a ideia de que o Espírito Santo vai para a igreja também, e ficamos ansiosos pelo momento em que Ele chega durante o louvor. É de arrepiar quando as luzes do palco acendem de forma plena e a bateria explode na condução!

Meu apelo a essa geração é apenas um: adorem do seu jeito, sejam contemporâneos, usem seus pads e suas luzes, mas não fomentem a ideia de que essa é a hora e o lugar em que Ele vem! Lembrem-se: Ele fez morada definitiva em vocês e se manifesta na mesma intensidade do worship, no seu quarto, a por-

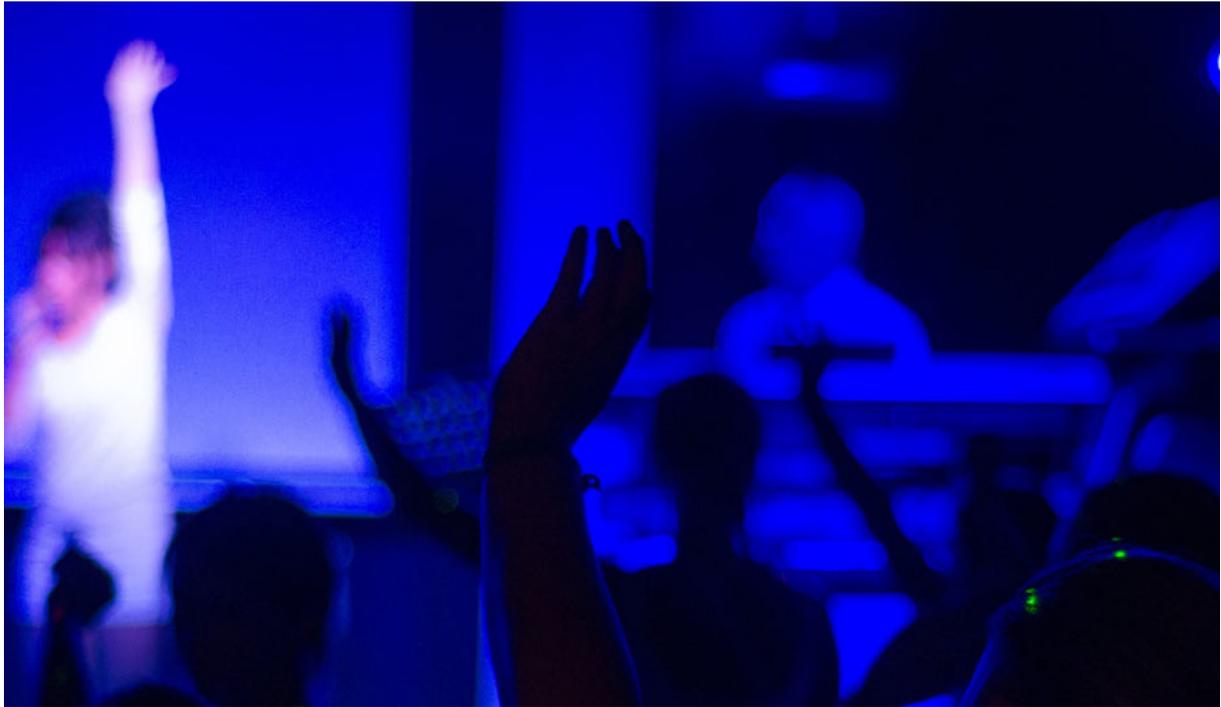
*tas trancadas, na solitude, no silêncio, no meditar
das Suas palavras.*

O Eterno não vem ou vai, Ele simplesmente está. Ele simplesmente é. Em você, em nós, em cada partícula desse Universo. E é por isso que, na falta de uma expressão melhor, o chamamos de “O Grande Eu Sou”.

No amor do Pai,

Roger

Apenas canções...



Quando fabricamos o nosso próprio deus e o adoramos, não importa o quão intensa seja a nossa adoração, ela toma a sua pior forma: o nada. Não é canção de vitória, não é canção de lamento, é apenas música.